

Traços de Cahú: a arte como resistência feminista¹

Ana Carolina Aguerri Borges da Silva²

Jeferson Alan Vieira da Silva³

Este ensaio tem como objetivo trazer aos leitores aspectos da vida e obra da artista Maria da Conceição de Souza Cahú, as informações aqui contidas foram coletadas a partir de entrevistas realizadas com membros de sua família e com colegas de trabalho, pesquisa bibliográfica e levantamento das obras da artista. O texto está dividido em três partes, partiremos da sua trajetória de vida para em seguida destacar o caráter multifacetado da artista e posteriormente a sua atuação feminista por meio de algumas de suas obras publicadas na imprensa brasileira.



Fig. 1. Autorretrato (acervo pessoal da artista). Memorial Conceição Cahú. Floresta/PE.

¹Este trabalho é resultado da pesquisa “Traços de Cahú” (on-1209036941) financiada pelo Edital de Formação e Pesquisa da Lei Aldir Blanc, executada pela Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco – PE, dez. 2020.

² Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, com Mestrado em Sociologia pela mesma instituição e Graduação em Ciências Sociais pela UNESP. Foi Pesquisadora do Observatório Luso Brasileiro de Desigualdades e Políticas Públicas (ODEPP) durante o período que realizou Pós-Doutorado na UFPE. Com Especialização em Direitos Humanos (Universidade de Coimbra – Portugal), possui experiência em Sociologia Ambiental e Sociologia Rural, com os temas desigualdades e conflitos sociais por água na região nordeste do Brasil. Realizou Estágio de Pesquisa no Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces (LADYSS – France) e Visita Técnica no Grupo de Estudos Ecologia e Sociedade do Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra-Portugal). Com formações técnicas em fotografia e cinema, atua desde 2013 em projetos de educação no audiovisual no estado de Pernambuco. | acborges@outlook.com.br

³ Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão de Pernambuco – FACESF, com Licenciatura em Letras (em andamento) na Universidade de Pernambuco – UPE, especialização em Metodologia das Artes pela Universidade Internacional - UNINTER, é professor de dança, direitos humanos e ética e cidadania da Escola Olindina Roriz Dantas – Belém do São Francisco – PE. Com formação complementar nas artes cênicas, tem trabalhos como ator, diretor e professor de atuação no campo do audiovisual. | jeferson-allan@hotmail.com



Dos primeiros traços

Foi às margens do rio Pajeú, no município de Floresta⁴, estado de Pernambuco que Maria da Conceição de Souza Cahú nasceu no dia 08 de dezembro de 1944, terceira filha⁵ de José Gomes Cahú e Elisa de Souza Cahú, viveu em Floresta durante sua infância e início de sua juventude, estudou nas escolas Júlio de Melo, Afonso Ferraz e no Colégio Padre Cícero. Em busca de formação no campo das artes, Conceição Cahú passa a viver no Recife onde realiza o Curso Regular de Pintura na Escola de Belas Artes de Pernambuco⁶.

Era início da década de 1960, o país passaria por grandes transformações com o Golpe Militar de 1964, que utilizou de diversos mecanismos para impedir a produção crítica dos artistas brasileiros, é nesse contexto politicamente conturbado que Conceição Cahú inicia a sua carreira, demonstrando seu espírito contestador e comprometido com as causas da classe trabalhadora ao ilustrar folhetos informativos destinados aos trabalhadores rurais da região nordeste, desenvolvidos pela Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancarpe). Deu sequência a sua trajetória, ingressando em 1965 no Setor do Audiovisual da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e em 1969 passa a trabalhar para o Programa do Nordeste S.A, sendo responsável por criar ilustrações diversas.

Na década de 1970, inicia a produção de cartazes de diversos movimentos populares e mesmo se consagrando como uma importante

⁴ Uma pequena e bela cidade do sertão pernambucano, que guarda uma exuberante arquitetura preservada de casarios coloniais e tamarindeiras seculares, onde está localizado o Memorial Conceição Cahú, o qual contém um extenso e precioso acervo artístico que se destaca por possuir obras capazes de ilustrar a vida da artista.

⁵ Seus irmãos: José (Zézinho Cahú), Maria Joselisa (Zeli Cahú), Antonio (Toinho Cahú), Maria Celi (Céli Cahú), Paulo Isaac (Paulinho Cahú).

⁶ Fundada em 20 de agosto de 1932, localizada na rua Benfica, 150 no Bairro da Madalena, foi fundada por um grupo de artistas, os quais tinham como objetivo de ser uma instituição onde se ministrava os conhecimentos artísticos, na década de 1940, a escola foi agregada à Universidade Federal de Pernambuco, entretanto seu reconhecimento junto ao Ministério da Educação só se deu em 1945, quando através de Decreto de 14 de novembro de 1945, passa a emitir diplomas válidos em território nacional. Em 1976, a Escola de Belas de Pernambuco é extinta para a consolidação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (Barbosa, 2007).



ilustradora em Pernambuco, Conceição Cahú decide buscar outros espaços e segue sua jornada artística na cidade de São Paulo. No início de sua morada na capital paulista, em 1973 trabalha na editora Abril, publicando nas revistas *Cláudia*, *Placar*, *Pop*, *Visão*, *Versus*, *Capricho*, *Playboy*, também contribuiu para o *Folhetim*, suplemento da Folha de São Paulo, quando ilustrou a série “Indiozinho Oswaldo e Jaboti Carlos Augusto”.

Ao longo da sua vida, Conceição Cahú produziu inúmeras obras, atuando em vários setores das artes, da imprensa e da política. Destacam-se a criação de um cartaz comemorativo pela volta do exilado político Luis Carlos Prestes, em 1976, assim como as ilustrações no ano seguinte das capas do jornal feminista *Nós Mulheres* e da Revista *Saúde em Debate*⁷. Em 1977, a ilustração da série “Na Baixa do Catimbó”, de Plínio Marcos e quadrinização da Declaração dos Direitos da Criança.

A sua admiração pela cultura popular lhe conduziu à atuação no carnaval paulistano, na escola Pérola Negra, ao criar o cartaz festivo de 1979 e tornar-se carnavalesca em 1981, quando também cria os figurinos e fantasias da escola, exibidos no mesmo ano na exposição “Figurinos e Fantasias da Escola de Samba Pérola Negra” no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

A sua dedicação à temática dos esportes, via revista “Placar”, lhe proporcionou a aproximação pessoal com o futebol corinthiano e a criação, para o time, de um personagem chamado Zé da Fiel. No ano de 2002 recebe a “Comenda Vicente Matheus” por seu vasto trabalho dedicado ao futebol. Em 2005 participa do livro “A história do futebol no Brasil através do Cartum” e recebe o título de “Cidadã Corinthiana”, outorgado pela Câmara Municipal de São Paulo e pelo Comitê da Memória Corinthiana. Em 2006 é homenageada pela Escola de Samba Gaviões da Fiel e teve seu trabalho impresso nas fantasias da Ala da Memória Corinthiana. Outro fato relevante foi a sua participação na exposição “Técnicos: deuses e diabos na Terra do Futebol”, com a caricatura de Charles Miller, realizada no SESC Ipiranga/SP, no ano de 2001.

Durante grande parte do período que viveu em São Paulo, trabalhou no jornal diário *Gazeta Mercantil* (1979 a 2005), dedicando-se a produzir retratos em bico de pena para o jornal, foi considerada a melhor ilustradora

⁷ Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES) responsável pelos debates sobre saúde pública no Brasil desde a década de 1970, os quais fizeram parte da história da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil.



nesta técnica, que como autodidata inovou de forma magistral. Ao encerrar suas atividades na Gazeta em 2005, passa a trabalhar no DCI (Diário Comércio, Indústria & Serviços)⁸, onde seria seu o último local de trabalho.

Apesar de distante de sua cidade natal, Cahú jamais perdeu o vínculo com suas origens, era responsável por reunir a família, mantendo o hábito de voltar a Floresta durante todas as suas férias, demonstrando o quanto valorizava a cultura pernambucana⁹, sempre fez questão de proporcionar referências, ensinamentos e experiências ao seu filho Pedro.

No campo das artes introduziu e cuidou de estimular a sobrinha Camila, filha de sua irmã Maria Celi, a seguir carreira na área. Após sua morte em dezoito de dezembro de 2006, na cidade do Recife, seus irmãos Antônio e Zeli, reuniram todos os seus pertences e obras, que estavam em seu apartamento em São Paulo e carinhosamente enviaram para Floresta, onde a pedido da própria artista, fundaram um memorial, o qual tem como objetivo além de conservar a sua memória, tornar público, principalmente aos estudantes – desejo expresso em vida pela artista – suas técnicas artísticas.

O constituir-se multiartista

O acervo de Cahú é extenso, suas obras identificam seu universo artístico que reflete uma combinação de sensibilidade e muita dedicação profissional. A grandiosidade de suas obras é fruto de sua aptidão artística somada ao apoio e incentivo de sua família e à busca permanente de desenvolvimento de novas técnicas e de aperfeiçoamento das já utilizadas, o que lhe conferiu talento expresso em tudo que produziu ao longo da sua vida.

Desde criança já apresentava os primeiros sinais de que a arte seria a sua vocação, com seus desenhos feitos de caco de porcelana nas calçadas de Floresta. Ceição - como era chamada carinhosamente pela sua irmã Zeli – decidiu ainda bem jovem romper os tradicionais caminhos disponíveis às mulheres nascidas no interior na década de 1940, que adentravam a vida adulta predestinadas somente ao casamento e à maternidade ou, em raros casos, optavam pelo magistério, assim como ocorreu com suas irmãs.

⁸ Jornal fundado em 1934, especializado em Economia, finalizou suas atividades em setembro de 2019.

⁹ Segundo relato de Dona Zeli, Cahú tinha vários títulos, mas o título que ela considerava mais importante é ter sido uma mulher, florestana, o que demonstra a importância que Cahú sempre deu para a sua origem nordestina.



Quebrando esses padrões, Cahú foi a primeira mulher florestana¹⁰ a sair do sertão rumo a Recife para estudar na Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Conceição Cahú era pintora, ilustradora, chargista, retratista, cartunista, caricaturista, quadrinista e jornalista, utilizando diversos materiais e técnicas em seus trabalhos, foi capaz de transitar entre vários movimentos artísticos para retratar paisagens, pessoas, manifestações culturais e situações históricas.

Para realizar seus estudos sobre as técnicas, Camila Cahú¹¹, nos relatou que Conceição Cahú desenvolvia projetos, alguns deles são: Projeto São Paulo, Projeto Pintura de Grafismos Índigenas, Projeto Samba e Projeto Mulheres. Para o desenvolvimento da técnica de óleo sobre tela, iniciou seus estudos a partir da pintura abstrata, mas bem rápido passou aos retratos e paisagens, tinha uma preocupação voltada à luz e sombra e buscava a perfeição realista em seus retratos.

É na década de 1980, já na capital paulista, que Cahú trilha em direção ao reconhecimento de melhor desenhista brasileira em bico de pena, sendo responsável por resgatar essa técnica que estava esquecida e aprimorá-la, tanto nos trabalhos que realizava na Gazetta Mercantil, ao introduzir no jornal os retratos desenhados em bico de pena, quanto em diversos trabalhos em charges e quadrinhos em revistas da imprensa brasileira. Segundo José Alberto Lovreto¹², o JAL¹³, a singularidade da artista em relação ao bico de pena está na força orgânica que realizava suas artes, na junção do aprimoramento da técnica e do sentimento expressado em suas obras, o que garantiu a elevação da qualidade dessa técnica, distinguindo suas obras das de outros artistas usualmente encontradas.

A precisão de seu pontilhamento, somada a técnica da hachura, eram insuperáveis, consagrando o seu bico de pena como o melhor entre todos os artistas que se dedicaram a essa prática de desenho. Conceição Cahú emprestou sua arte para as questões sociais e políticas, criando cartazes para o movimento comunista e para o movimento feminista, utilizando como armas contra as injustiças sociais suas aquarelas, canetas a bico de pena e

¹⁰ Gentílico de Floresta, ou seja, quem nasce ou reside em Floresta, Pernambuco é chamado de florestano (masc.) ou florestana (fem).

¹¹ Em entrevista realizada com Camila Cahú, no dia 08 de janeiro de 2021, em seu apartamento em Recife (PE).

¹² José Alberto Lovreto, mais conhecido como Jal, é cartunista, roteirista jornalista e presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil.

¹³ Em entrevista realizada no dia 31 de janeiro de 2021 (via chamada de vídeo).



pincéis. Era uma artista completa e uma das poucas mulheres chargistas existentes no Brasil.

Ao longo de sua carreira suas obras foram exibidas em diversas exposições, algumas já citadas anteriormente. Sua primeira exposição ocorreu em 1970, chamada de "Coletiva dos Pintores Pernambucanos", realizada na Galeria Empetur no Recife, quando expõe a série de retratos intitulada "Damas Recifenses", no mesmo ano participa também da exposição "Sertão Pernambucano" na Galeria Detalhe, também em Recife. Em 1987, parte de sua produção em bico de pena é exibida na exposição "30 Retratos dos ex-prefeitos de Floresta"¹⁴, no Centro Cultural João Boiadeiro, em Floresta (PE), em 1988 participa da exposição "100 anos da Avenida Paulista", realizada no Espaço Cultural Citibank em São Paulo.

Em 1992 expõe obras de um dos seus projetos de pintura baseado em seus estudos sobre grafismo indígena brasileiro, na exposição "Visão da Pintura Corporal Indígena", realizada no Museu Murilo La Greca no Recife. No mesmo ano expõe os quadros Temática Indígena (Jabutí), óleo s/tela e Temática Indígena (Onça-pintada), óleo s/tela, ambos na Exposição "Índios do Brasil: Alteridade, Diversidade e Diálogo Cultural"¹⁵. Também desenvolveu importantes trabalhos em aquarela, como a série sobre a sua cidade natal, exposta no ano 2000 na Sala de Artes de Olinda (PE) e "Telas e Aquarelas", exibida em 2003 na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, em São Paulo (SP).

Em 2004, realiza suas últimas exposições em vida, no Brasil, expõe obras na Mostra "Traços de São Paulo", que durou três meses e integrou as atividades do calendário oficial de comemoração dos 450 anos da cidade de São Paulo. No exterior, na França, entre maio e setembro de 2004, quando foi convidada para apresentar algumas de suas obras, as quais retratam a cultura indígena brasileira, "Corpos de índios", quadros feitos em acrílico

¹⁴ Estas obras permanecem como exposição permanente do local.

¹⁵ Esta exposição ocorreu entre de 14 de junho e 27 de julho de 1992, no andar térreo do Pavilhão da Bienal, uma área de quase 5.000 m², no Parque do Ibirapuera em São Paulo, foi uma das atividades do projeto cultural "500 Anos: Caminhos da Memória - Trilhas do Futuro" desenvolvido pela Secretaria de Cultura da capital Paulista na ocasião da celebração dos 500 anos de descoberta da América, dos 200 anos do esartejamento de Tiradentes e dos 70 anos da Semana de Arte Moderna. Segundo Grupioni (1992: 14) "a exposição teve como objetivo principal oferecer à população da cidade de São Paulo um conjunto de informações corretas, contextualizadas e acessíveis sobre a realidade indígena brasileira, procurando-se combater as noções de selvageria, atraso cultural e humanidade incompleta que caracterizam a compreensão das sociedades indígenas pelo senso comum".



sobre madeira, uma técnica inédita desenvolvida pela própria artista, nestas obras Cahú aborda o grafismo das pinturas corporais indígenas. Ao todo foram realizadas 18 exposições ao longo da expedição coletiva que esteve tanto na capital francesa, Paris quanto na pequena Poitiers, estas exposições foram realizadas por ocasião da comemoração do ano Brasil – França.

Apesar de ter deixado algumas obras inacabadas, como por exemplo, uma pintura sobre tela de São Expedito, Cahú tem como sua última obra finalizada uma pintura sobre tela que retrata a paisagem sertaneja de sua cidade natal, ao retratar o rio Pajeú e suas margens repletas de lajedos e vegetação da caatinga.

Os traços que rompem o passado e apontam o futuro

O universo das artes visuais de Conceição Cahú expressou o seu entendimento de mundo o que lhe conferiu uma autenticidade e engajamento em questões sociais de fundamental importância. A começar pela participação em jornais de movimentos sociais, realizou trabalhos relacionados à luta pela democracia, esteve ligada ao “Partido Comunista Brasileiro”, às lutas pela anistia política e à campanha das “Diretas Já”¹⁶, realizou trabalhos para a imprensa sindicalista, para jornais de movimentos sociais, esteve na vanguarda do movimento feminista da década de 1970, colaborando para o *Nós Mulheres*, fundado em 1976, um dos jornais feministas mais importantes do movimento criado no contexto de censura na imprensa brasileira. Cahú utilizou sua expressão artística para fortalecer a luta feminista.

É dela a capa da primeira edição do *Nós Mulheres: Quem somos?*, lançado em junho de 1976, onde a artista retrata em “a bico de pena” as diversas representações de mulheres da sociedade brasileira, em sua arte expressa a diversidade cultural e social dessas mulheres representadas de forma singular, como podemos observar a seguir¹⁷:

¹⁶ Em 1984 realizou uma série de ilustrações em camisetas com o tema das “Eleições Diretas: uma andorinha só não faz verão. Vamos nessa!”

¹⁷ As capas do “Nós Mulheres: Quem somos?” estão disponíveis em: <https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/>





Fig. 2. Capa da 1ª Edição do Jornal Nós Mulheres (1976).



Fig. 3. Capa da 2ª Edição do Jornal Nós Mulheres (1977).



Fig 4. Capa da 7ª Edição do Jornal Nós Mulheres (1978).

Realizado pela Associação de Mulheres¹⁸ entre 1976 e 1978 este tabloide produzido de forma artesanal foi um instrumento de divulgação de assuntos não veiculados na imprensa oficial naquele período de censura, contou com Conceição Cahú no conselho editorial até a edição de número quatro de março/abril de 1977. É dela também a capa do número dois “Dona de casa, qual é o reino desta rainha?”, publicado em setembro/outubro de 1976. Contribui para a sétima edição “As mulheres em busca de liberdade”, de março de 1978, com a ilustração de capa, uma livre interpretação do quadro de Delacroix “A liberdade guiando o povo”. Continua como colaboradora deste jornal até a sua oitava e última edição, de junho/julho de 1978. É importante salientar que este jornal é fonte histórica fundamental sobre o movimento feminista, um instrumento de expressão do pensamento político das mulheres em tempos de ditadura militar no Brasil.

Também de grande relevância é a sua participação no Jornal Voz da Unidade ao produzir uma série de ilustrações no ano de 1988 sobre a “Abolição da Escravatura”. Outro marco para a carreira de Conceição Cahú, também realizado em 1988 foi a publicação da primeira ilustração colorida do Jornal Gazeta Mercantil para o relatório “O Turista Sofisticado”. São

¹⁸ O Jornal Nós Mulheres nasce de um coletivo feminino composto por mulheres militantes de esquerda em 1976, mulheres “decididas a editar um jornal feminista, de oposição, e que veiculasse as lutas sociais das mulheres. Preferiram garantir sua ‘autonomia’, fundando um jornal próprio, o Nós Mulheres, a se integrar no já existente Brasil Mulher, reproduzindo, desse modo, a heterodoxia tão presente nas organizações de esquerda (DUARTE, 2016: 236).”



também de sua autoria os retratos dos 27 autores da “Coleção Literatura Brasileira”, da Editora Folha de São Paulo, publicada em 1997.

Cahú adentra o universo do cartum e dos quadrinhos no início de sua carreira, participando na década de 1970 da revista “Balão”, criada por Laerte Coutinho e Luiz Gê e também participa da revista “Carbono 14”, editada pelo ilustrador e quadrinista Gualberto Costa, conhecido como GUAL. Em 1985, foi reconhecida como uma das pioneiras nos quadrinhos, citada como referência no fanzini Quadrix, em matéria intitulada “Quadrinheiras – as mulheres que fazem quadrinhos”¹⁹. Em 1989 participa de atividades ligadas ao Cartum com outros profissionais da área e em 1993 quadriniza a partir de texto escrito por JAL, a história do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em comemoração aos 120 anos da fundação da instituição. Em 1998 participa do “Dez em Humor”, evento da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

É no contexto artístico dos quadrinhos, que encontrava-se em ascensão nos anos de 1980 e 1990 com a crescente atuação de quadrinistas críticos ao cenário político, que Conceição Cahú atua também no campo dos esportes, espaço onde a inserção feminina era ainda mais difícil.

Apesar do pouco espaço e reconhecimento de trabalhos realizados por mulheres no campo das artes gráficas, no ano 1992, Conceição Cahú foi premiada no Salão de Humor de Piracicaba, com um trabalho que homenageava o erotismo de Carlos Zéfiro, chamado “Uma história de amor.”, como podemos observar na imagem abaixo. Segundo Boff (2014), é a partir dos trabalhos realizados por Cahú que se podem notar maiores investimentos nas representações femininas nos quadrinhos.

Conceição Cahú se desenvolveu enquanto artista no cerne da contracultura, o que segundo Pessoa (2019) fez com que sua expressão artista refletisse um discurso autoral de contestação às histórias de quadrinhos heteronormativas predominantes no período. Ao observarmos as obras de Conceição Cahú, podemos notar uma variação na identificação dos quadros, parte deles a artista assina Conceição Cahú e em outros apenas Cahú, não sabemos ao certo em que momento passou a assinar somente seu sobrenome. O que sabemos agora, é a resposta a uma dúvida que há anos acompanhava nossas reflexões sobre a artista.

¹⁹ Informação adquirida em documento referente a entrevista realizada com Conceição Cahú por Gualberto Costa em 2006, onde a artista traça uma linha cronológica contendo eventos relevantes da sua vida profissional.



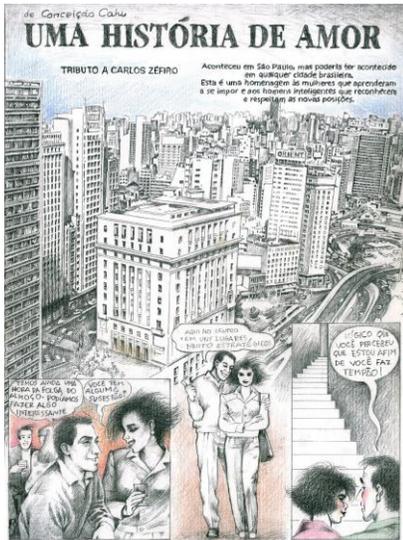


Fig. 5. Capa da história em quadrinhos: "Uma história de amor - tributo à Carlos Séfiro" de Conceição Cahú, 1992²⁰.

Qual motivo dessa modificação? Seria tornar oculto o seu gênero feminino para assim ser aceita e reconhecida nesse espaço dominado pela atuação masculina? Em sua última entrevista, realizada pelo amigo Gualberto Costa, Conceição afirma que durante sua vida, teve que enfrentar muitos preconceitos, "em especial por ser mulher". Em suas palavras: "Foi tão sofrível que para sobreviver optei por assinar apenas *Cahú*".

Cahú destaca-se no cenário brasileiro por sua grandiosidade artística, caracterizada pelo desenvolvimento de novas técnicas somado ao aprimoramento das já existentes e por sua atuação militante onde combina o

seu olhar sensível às causas humanas (sociais, culturais, econômicas, políticas) ao entendimento do seu papel enquanto mulher revolucionária. Escolheu o duro caminho de adentrar em espaços onde predominava a atuação masculina. Trilhou sendas, seja entre a mata branca²¹ do sertão pernambucano, ou entre os arranha-céus paulistanos, abrindo espaços onde muitas outras mulheres atualmente podem estar.

Contudo cabe salientar que não é objeto deste texto relatar por completo a vida de Conceição Cahú, pois sua existência ultrapassa todo e qualquer escrito, mas é fundamental deixar aqui registrado que com a sua arte, Cahú constituiu-se referência de artista mulher, feminista, nordestina, autêntica, multifacetada e, sobretudo, comprometida com a realidade brasileira. Sua história é fundamental para a inspiração das novas gerações, onde sua liberdade extravasada em seus traços, indicam o caminho pelo qual as mulheres podem e devem ter o direito de percorrer.

²⁰ Disponível em: <https://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992/>

²¹ Referência à definição do bioma caatinga, que em tupi guarani significa mata branca.



Referências

- BARBOSA, Virgínia. "Escola de Belas Artes de Pernambuco". Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 24/01/2021.
- BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena: Representações femininas nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: USP, 2014.
- CAHÚ, Conceição. **Uma história de amor- tributo a Carlos Zéfiro**. Disponível em: <https://salaointernationaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992/>
- COSTA, Gualberto. **Entrevista com Conceição Cahú**. São Paulo, 2006. (documento gentilmente cedido pelo autor).
- DUARTE, Constância Lima. **IMPRESA FEMININA E FEMINISTA NO BRASIL: SÉCULO XIX – DICIONÁRIO ILUSTRADO**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GRUPIONI, Luiz Donizetti Benzi (org). **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1992.
- GUIMARAES, Edgar. "Suplemento de Quadrinhos da Folha de São Paulo". In: **Pequena Biblioteca sobre histórias em quadrinhos**. Brazópolis/MG: EGO Edição Independente – Impressão Digital, 2016. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/ego/outras-edicoes/pbshq1-10/pbshq3/pbshq3.pdf>. Acesso: 02/06/2021.
- Jornal Nós Mulheres. Imagens das Edições 1, 2 e 7. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/>. Acesso em: 06/03/2021.
- PESSOA, Alberto Ricardo. "Representações do humor feminino nos quadrinhos de Conceição Cahú". **9ª Arte**. São Paulo, vol. 8, n. 1, 1º Semestre/2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/153149/160940>. Acesso em: 10/03/2021.

Recebido em 06 jun. 2021 | aceite em 20 jul. 2021.

